

JOHN C. DAWSEY

A grotta  
dos novos  
**anjos**  
mineiros:  
imagens do  
**campo**  
na **cidade**

**JOHN C. DAWSEY**  
é coordenador do  
Núcleo de Antropologia,  
Performance e Drama  
do Departamento de  
Antropologia  
da FFLCH-USP.

# E

ste texto e as anotações de cadernos de campo que pretendo visitar como quem entra no reino dos mortos têm uma história originária. Em 1978, certo dia ao cair da tarde, ao passear de ônibus num bairro de periferia de Piracicaba, fui

surpreendido por uma imagem insólita – por um “detalhe”, na verdade, que surgiu repentinamente no canto inferior do vidro do ônibus. Desci imediatamente para ver de perto. Ao lado da rua, abria-se uma cratera, um pequeno abismo, uma imensa fenda na terra, em cujas encostas se encontrava um grande número de barracos. Andei mais alguns passos, ocupando uma posição mais próxima ao chafariz no alto dessa cratera. Inúmeras mangueiras, ou “borrachas”, serpenteando pelas encostas onde se alojavam os barracos, deitavam-se boquiabertas ao pé do chafariz. Foi nesse dia, em meio a um aglomerado de mulheres, que encontrei Anaój pela primeira vez. Era uma mulher mineira, oriunda de Porteirinha, da cor de carvão, ou do café que, depois, numa xícara, me ofereceu. Puxei conversa. Ela pincelou uma geografia humana do “buraco”: havia aglomerados de mineiros, paranaenses e paulistas. A maioria era de Minas, ela disse. Norte de Minas. Vinham de Porteirinha, Novo Cruzeiro, Montes Claros... Havia também cearenses, baianos, paraibanos, piauienses e pernambucanos. E piracicabanos, alguns com origens nos estratos do “antigo Risca-Faca” sobre o qual a favela se ergueu. Foi esse o meu primeiro contato com o Jardim das Flores.

Hoje, ao relembrar a imagem do “buracão”, ou “buraco dos capetas”, como também era chamado, tenho em mente o quadro de *Angelus Novus* de Paul Klee, interpretado por Walter Benjamin (1985b, p. 226). Muitos haviam sido levados à cidade por uma tempestade chamada “progresso”. Um montão de gente, a maior parte, vinha de Minas Gerais. Como “novos anjos” mineiros, olhavam com espanto para os destroços que acumulavam aos seus pés. Nessa época, creio que a imagem de uma favela tinha algo de insólito. O “milagre econômico” não estava tão distante. Os sonhos de um Brasil gigante que finalmente acordaria de um berço esplêndido para assumir o seu destino ao lado de outras potências mundiais, mesmo em meio aos temores da época, pairavam no ar. O Jardim das Flores, assim como outras favelas de Piracicaba, havia surgido na época da construção do segundo distrito industrial da cidade, em torno de 1974. Os “mineiros”, dizia-se, construíram a Caterpillar, depois “caíram na cana”. Viraram “bóias-frias” (cf. Dawsey, 2005, 1999, 1997).

Em 1983, procurando me fazer de aprendiz do ofício de Malinowski, fui morar no “buraco dos capetas” num cômodo caiado encostado no barraco de Anaój e Mr Z. E ganhei o nome de João Branco, ou João de Anaój<sup>1</sup>.

Uma das imagens marcantes que emerge dos cadernos de campo, tendo-se em vista as redes sociais das quais o pesquisador participou, era a de Minas Gerais. Walter Benjamin (1985a), em sua vertente surrealista, poderia dizer que o Jardim das Flores apresentou-se como uma “iluminação profana” do sertão de Minas, de sua gente e de suas “roças”. Na periferia de Piracicaba uma fenda se abriu em testemunho de poderosas forças de erosões geológicas e sociais. Para compreendê-la talvez seja preciso fazer-se uma leitura a contrapelo das narrativas de “progresso” que tecem os fios do imaginário no interior paulista. No inconsciente social da sociedade piracicabana aloja-se um “resto” de Minas Gerais.

Algumas formas de cumprimento encontradas no Jardim das Flores podem

<sup>1</sup> Os nomes próprios que constam do texto podem ser considerados como ficções literárias do pesquisador, geralmente registradas em cadernos de campo à moda do antigo hebraico, sem as vogais. Essa observação também é válida para o nome “Jardim das Flores”. Os termos “buracão” ou “buraco dos capetas”, assim como o nome “João Branco”, não deixam de ser ficções reais, nascidas da poesia popular dos moradores.

ser reveladoras: “Dln, rindo, xinga Anaoj: ‘pedaço de fumo!’, ‘toco de sicupira!’, ‘toco de braúna!’, ‘picumã!’” (25/5/83). “Toco de sicupira!”, “toco de braúna!” são os restos de árvores grandes das matas de Minas Gerais que ficam após as queimadas. “Picumã” é a fuligem que se prende no interior de casas na roça onde se usa fogão a lenha. Aparentemente fora de contexto, em meio a uma cidade do interior paulista, o “buracão” do Jardim das Flores apresenta uma imagem do campo.

Algumas das atividades principais de um modo de vida associado ao trabalho na roça eram evocadas, numa linguagem carregada de tensões, no extraordinário cotidiano de quem passou a fazer a sua morada no Jardim das Flores. A seguir, como quem se propõe a fazer um exercício etnográfico em chave benjaminiana, produzindo algo como uma “descrição *tensa*”, pretende-se analisar quatro imagens: plantar, caçar, catar e festejar<sup>2</sup>. Acrescenta-se uma quinta: a de uma grota mineira.

## PLANTAR

Turmas de “bóias-frias” que conseguiam trabalho “na roça” durante a época da entressafra faziam o plantio de toletes de cana para usinas e seus fornecedores. Porém, dentro da favela, plantava-se chuchu, urucu, inhame, bananeira, mamoeiro e uma variedade de ervas. (Só depois de alguns dias na favela o pesquisador viria a saber que o chuchu e as ervas não eram “mato”.) Anaoj e Mr Z fizeram uma horta de alho, couve e alface. Num espaço reduzido de 27.000 m<sup>2</sup>, situado entre ruas e avenidas, condensavam-se os restos de uma atividade de plantio de mais de uma centena de famílias que haviam trabalhado na lavoura nas mais diversas regiões do Brasil. O “buraco” do Jardim das Flores recriava o campesinato brasileiro em forma de paródia.

O “bóia-fria” era a sua imagem mais perturbadora. O lavrador de Minas, quando faz da terra a sua “morada da vida”, encontra no prato ou marmitta o fruto do

seu trabalho (cf. Garcia Jr., 1983; Heredia, 1980; Martins, 1991). A comida que vem “quente” na hora do almoço, trazida por uma criança ou outra pessoa da família, sinaliza a proximidade entre terra, casa e trabalho. Na experiência do “bóia-fria” a terra reaparece como propriedade de usina ou fornecedor. A comida “fraca” que ele encontra na marmitta expressa também suas relações com a terra, e suas relações de trabalho.

“Dln: ‘João Branco, pra nós a comida de São Paulo está fraca. A mineirada aqui está tudo morrendo. Precisa de vitamina pra trabalhar. Lá em Minas é porco, frango, feijão...’.

Anaoj brinca: ‘Você está magra, Dln’.

Dln: ‘Sou pior que onça que não dá conta de carne. Como pouco, mas como carne. Por isso sou magra, mas forte! Rê!’” (27/5/83).

A comida “fria” – que serve de metonímia de cortador de cana – expressa a alienação do lavrador. Na pinga, o “bóia-fria” encontra a sua “bóia-quente”, e o fruto do seu trabalho. Nos botecos pede-se “pinga pra nós comer”. Tal como a comida de um lavrador, a pinga de um “bóia-fria” revela relações de vida e trabalho. Ela até vira alienação da alienação. Ela não apenas suscita, mas também expressa um estado de atordoamento social.

“Lrnh tira sarro de um colega que corta cana: ‘Esse trabalha um ano inteiro para fazer a pinga. No outro ele fica parado para tomar a pinga que ele fez, rá!’” (28/7/84).

Trechos dos cadernos dão indícios de uma atividade de lavradores mineiros cuja “terra de trabalho” (Garcia Jr., 1983; Martins, 1991) e “morada da vida” (Heredia, 1980) se reduzem ao espaço de um “buraco”.

“Anaoj e Pagé vão catar chuchu. Eu havia pensado que era ‘mato’”! (14/5/83).

“Seria interessante investigar a flora da favela. Chuchu: ‘qualquer um pode pegar’.

2 A idéia de uma descrição *tensa* é desenvolvida a partir do conceito de Walter Benjamin de *imagem dialética*. O ato etnográfico é então definido como a busca por uma “descrição *tensa*”, carregada de tensões, capaz de produzir nos próprios leitores um fechar e abrir de olhos, uma espécie de assombro diante de um cotidiano agora estranhado, um despertar” (Dawsey 1999, p. 64).



Uma parte foi plantada por uma mulher que não reside mais no Jardim das Flores. E outra, por Anaoj. Esta, também, ‘qualquer um pode pegar’. Bananeiras têm donos específicos. Um vizinho vende alface de sua horta. Tem pequi, do qual Anaoj faz um molho que se derrama sobre a comida. Uma mulher vende alecrim, que se pendura sobre a porta do barraco. Outra vende urucu. Pnhr me mostrou com orgulho o urucu de Minas que ele havia plantado ao lado do barraco” (19/5/83).

“Tem um abacateiro perto do barraco de Anaoj” (20/6/83).

“Observando o pé de urucu (‘colorau’) da vizinha, Anaoj diz rindo: ‘Não sou de roubar não, mas aquele colorau... Vou cortar um galho pra mim. Por que ela dá pra uns e outros não?’” (21/7/83).

Algumas das plantas e comidas de Minas Gerais eram usadas em momentos críticos – que podiam ser do dia-a-dia. Para “abrir apetite” recorria-se ao urucu. Para espantar o fedor que exalava dos poros do Jardim das Flores, de suas valetas e fossas, usava-se alecrim. Contra as doenças, recorria-se às plantas e ervas. No dia em que Mr Z “caiu na cana” Anaoj fez um bolo de fubá. Para levantar os ânimos de seu companheiro,

ela também fazia, em momentos especiais, frango com polenta. Plantas e comidas moviam circuitos que se formavam nas idas e vindas de mineiros entre Piracicaba e cidades do Norte. Conterrâneos recém-chegados eram festejados juntamente com suas cargas preciosas: alho, pequi, requeijão, doce de leite, paçoca, urucu e outros produtos da terra.

As plantas também denunciavam a situação dos que haviam “caído” no “buraco”.

“Ao lado de uma bananeira maltratada, Anaoj comenta: ‘Coitada da bananeira. Do jeito que o povo está com fome, não sobra nem cacho de banana verde no pé. Aqui, estão uns comendo os outros por causa da fome’” (12/9/84).

A fome produzia espanto (e riso):

“Lrds: ‘Tô com dor... Ai... Tem que tratar com pinga. (Lrds detesta beber pinga!) Queria um golinho de pinga, agora. Tô precisando de remédio pra abrir o apetite’.

Eu: ‘Pra quê?’ (Eu realmente não estava entendendo.)

Lrds: ‘É mesmo. Não tem comida! Rá, rá, rá!’” (26/10/83).

Espanto (e raiva):

“Sábado. Não tem comida para o almoço. Mr Z: ‘Não tem comida?! Ê... Fica a semana inteira sem almoçar e fim de semana também?’” (17/9/83).

“Sábado. Mr Z (com olhar de espanto, e segurando a cintura da calça que está larga): ‘Tá louco... A gente só emagrece. Não sei o que é...’” (5/11/83).

“Domingo. Mr Z: ‘A gente trabalha que nem condenado, quebra a cabeça, e come bosta!’” (6/11/83).

Espanto, raiva e riso:

“Anaoj conversa com a sua filha, Lrds. Ns, a nora de Anaoj, entra no barraco rindo. Anaoj: ‘O que é?’

Ns diz que Oscr, o seu filho de três anos de idade, havia olhado na panela em cima do fogão. Nada encontrando, virou para a mãe, e disse: ‘Estou com fome. O que tem pra mim, mãe?’. Quando Ns lhe respondeu que não havia nada para comer, Oscr, furioso, arremessou a panela vazia ao chão, chutando-a seguidamente pela porta do barraco e no terreiro até que ela caísse numa valeta no meio da favela. Ainda xingou a sua mãe de ‘puta’.

Ns, Anaój e Lrds choram de rir.

Oscr, perplexo, observa as mulheres” (5/7/84).

#### Vida de cachorro vira alegoria:

“Pagé: ‘Eu queria ser um cachorrinho de madame’.

Lrds: ‘Pra comer os restos dos outros?! Eu, eim!’.

Chupando uma manga verde com sal, Pagé sai andando.

Lrds comenta: ‘Acho que Pagé está passando fome. Mas, também, não trabalha, né?!’” (28/11/83).

A cachorrinha de Lrds fez uma trajetória inversa à do cachorrinho do devaneio de Pagé:

“Lrds ganhou uma cachorrinha, que recebeu o nome de ‘Bolinha’. Antes gordinha, agora está magra.

Mr Z: ‘As costelas de Bolinha estão aparecendo’” (19/3/85).

Numa seqüência de associações lúdicas, repentinas, cachorros (e outras criaturas) correm riscos:

“Pagé: ‘Meu pai, se estivesse vivo... eu jantava ele. João Branco, vou jantar você. (Ele repara o cachorro magro de Lrds.) Cachorro, vou jantar você. Se não tiver pecado, vai lá pra cima’” (4/8/84).

Uma imagem era particularmente desconcertante. De vez em quando, moradores da favela falavam de si mesmos como quem estivesse “plantado nesse buraco”. Numa

brincadeira de “o-que-é-que-é?”, Mr Z perguntou ao seu filho: “O que é que é? Planta, mas não colhe?”. Defunto. Às vezes, mães davam “pitos” nas crianças, chamando-as de “defunto!”. Em tom de brincadeira, moradores chamavam-se uns aos outros de “assombração” e “espantalho”. Ambos pareciam evocar processos de mortificação dos corpos. Se a imagem de “assombração” sugeria uma alma sem corpo, a do “espantalho” não deixava de evocar imagem inversa, de corpo sem alma.

Em montagens que emergem dos cadernos, o “buraco” configurava-se como um “espaço da morte”. Ao lado de descrições de jogos de sinuca em bares da vizinhança – onde se celebravam as quedas de bolas em caçapas (“matou!”) – irrompia a imagem de ser enterrado no “buraco”.

“Vou de ônibus ao Jardim das Flores. No boteco, quatro homens jogam sinuca. A bola branca bate nas bolas coloridas, derrubando-as nos buracos (caçapas) localizados nos cantos e encruzilhadas da mesa. ‘Preto’, um menino ‘branco’, pergunta se vou ver a Anaój de novo. Hesitante, desço a ladeira do ‘buracão’ até cair numa roda de conversa. Mn conta que Ari Pedroso, o radialista de Piracicaba, recém-eleito deputado estadual, prometeu encher a valeta da favela de terra. ‘Disse que vai aterrar tudo aqui.’



Lrds: ‘Desde que não enterre nós aqui junto’” (29/4/83).

Moradores identificam-se com o “buraco”.

“Ao chegar do corte da cana, Sr Drmr conversa com Z Mr e Mr Z. Mostra-lhes uma peixeira com entalhes no cabo. Na hora de despedir-se, volta-se para Z Mr bradando, ‘O buraco é nosso, não é? Vou dar uns tiros!’ Ainda capto os pedaços de uma frase: ‘[...] ficar bêbado! [...] a peixeira vai alumiar!’” (6/7/83).

Num lampejo, nas fissuras da periferia de uma cidade, revelam-se desejos. Inervam-se corpos de lavradores. Sonhos pela posse da terra realizam-se em forma de paródia: “O buraco é nosso, não é? Vou dar uns tiros!”.

São os próprios lavradores que no *buraco* estão plantados. Tal como uma alegoria barroca, essa imagem oscila entre significados contrários fazendo brotar esperanças soterradas. Em 1982, em frente à catedral na praça José Bonifácio, numa das primeiras aparições públicas do movimento de favelados de Piracicaba, Maria dos Anjos, que na época morava num “buraco” conhecido por “Favela do Sapo”, disse:



“Muito boa tarde. Tem gente que está achando bom a gente aqui definhando nesse sol ardido. (Obs: os ‘favelados’ esperam há tempo a chegada das ‘autoridades’.) Outra coisa vou dizer a vocês: eles estão querendo tirar favela pra fazer jardim em área verde. Pra quem? É bom que eles fiquem sabendo: as rosas são as mulheres, os cravos são os homens, e as crianças são os jardins de nossas favelas!” (8/8/82).

## CAÇAR

Algumas das mulheres com filhos pequenos, que não saíam para trabalhar, aguardavam o retorno dos homens à favela. Isso, como quem via chegar caçadores de uma expedição inglória.

“Oscr: ‘Pai chegou!’

Lrds (tia de Oscr): ‘O que ele trouxe pra nós? O que ele trouxe pra nós comer? Nada não? Trouxe pão?!’” (4/6/83).

A caça é um dos afazeres preferidos de quem mora no campo. Trata-se não apenas de uma estratégia de sobrevivência. Ela também é atividade lúdica. Embora o ato de caçar, quando praticado no norte de Minas, seja de natureza intermitente, ele transfigura-se no Jardim das Flores, via iluminação profana, em um imperativo cotidiano: “caçar emprego”. Sinaliza-se um estado de escassez. Aquilo que poderia sugerir a realização de um sonho – a transformação de uma atividade lúdica e intermitente do sertão mineiro em coisa cotidiana – provoca um estremecimento.

Uma anotação feita na noite em que Mr Z preparava-se para “cair na cana” é significativa:

“Wlsnh comenta: ‘Ó... Tá afiando o facão. Meu pai vai cair na roça’.

Naquela noite, Anaój fez um bolo de fubá.

Mr Z está tenso.

Anaój diz para o Wlsnh: ‘[Vai] caçar a botina do seu pai!’. O chapéu de couro macio do

Norte de Minas Gerais, que Mr Z costuma usar ao sair para o trabalho, está sobre a mesa ao lado da talha.

Num suspiro, Anaój diz: ‘Z vai cair na cana’.

Depois, converso com Mr Z à porta do barraco.

Ele comenta: ‘Vou trabalhar com empreiteiro... Foi o pessoal que pôs o nome de gato. Pode unhar a gente, re, re. Se não der certo, vou caçar outra coisa’ (4/7/83).

Nas elipses, ao estilo lacônico de Mr Z, deixa-se de dizer o óbvio: o “gato” é um exímio caçador. Quem caça emprego é caçado. Resignifica-se a atividade da caça. Em carrocerias de caminhões, ao saírem da cidade em direção dos canais, “bóias-frias” provocavam pessoas nas calçadas: “‘Vai trabalhar vagabundo!’, ‘Vai caçar emprego!’” (3/8/83).

Um detalhe: “caçava-se” emprego justamente para fugir da condição de “bóia-fria”. Evitava-se “cair na cana”. Por outro lado, a experiência no corte da cana, na “roça”, em meio aos canais, podia reservar surpresas agradáveis. Se, por um lado, Mr Z e outros fugiam da condição de “bóia-fria”, por outro encontravam nos canais possibilidades, ou indícios, de uma atividade lúdica que chegava a ser celebrada. Nos momentos de interrupção do trabalho, às vezes se caçava tatu, garça, e outros bichos. Porém, a terra onde se caçava havia se transformado dramaticamente. Era “terra de negócio” (cf. Martins, 1991).

De qualquer forma, para os “bóias-frias”, a escolha das turmas (e dos “gatos”) com os quais eles iriam trabalhar evocava, às vezes, lembranças de formas lúdicas de caça:

“Dln aponta em direção à Avenida das Monções. ‘É melhor pra lá do que pro lado de Tietê, né, Anaój? Pro lado de Tietê não tem nada. É feio. Você não vê nenhuma laranja, abobrinha... Mas pro lado de lá você sempre encontra alguma coisa. Lembro uma vez que vimos uma sariema. O motorista corria com o caminhão, tentando alcançar a criatura. Ela descansava na estrada, depois, toda preguiçosa, voava na frente. Parecia

que estava zombando da turma. Você não consegue alcançar uma sariema na corrida. [...] Outra vez, nós vimos uma garça. Os rapazes ficaram numa febre querendo pegar aquela garça. Eles vão na roça só pra isso” (27/5/83).

Na fala de Dln aparece um “efeito de distanciamento”: a sariema zomba de uma turma de “bóias-frias”. Moradores do Jardim das Flores, que, às vezes, perseguem garças e sariemas, correm constantemente atrás de “bicos” e “trampos”: são “caçadores de emprego”. Distinções entre a “caça” e o “caçador” atenuam-se. Assim como na escrita de um alegorista barroco, os significados inclusive às vezes se invertem. Tal como a sariema da história de Dln, a caça zomba do “caçador”.

A seguir, um quadro das mudanças de emprego de Mr Z, conforme registros em cadernos de campo.

#### “MUDANÇAS DE EMPREGO DE MR Z REGISTRADAS EM CADERNOS DE CAMPO (abril 83 a abril 85)

29/4/83 trabalhando com o SEMAE (Serviço Municipal de Água e Esgoto), turma do Srg

20/6/83 trabalhando com o SEMAE, turma do Srg

5/7/83 ‘Cai na cana’ (‘bóia-fria’), turma do Hrmn

13/8/83 puxando areia; loteamento, com Hrmn

30/8/83 cortando cana (‘bóia-fria’), Hrmn

12/9/83 trabalhando com o SEMAE (Serviço Municipal de Água e Esgoto)

13/9/83 cortando cana (‘bóia-fria’), outra turma

24/9/83 cortando cana (‘bóia-fria’), turma de Sr. Z Prt

24/10/83 cortando cana (‘bóia-fria’), turma de Hrmn

04/2/84 servente de pedreiro (durante 18 dias)

(?)/2/84 carpa de cana (‘bóia-fria’), turma de Hrmn

18/2/84 plantio de arroz (‘bóia-fria’)

21/2/84 arrancando tocos (‘bóia-fria’), tur-



ma de Hrmn, Inhambi, 100 quilômetros de Piracicaba (pasto para gado)

24/5/84 não está conseguindo serviço

13/6/84 colocando manilhas, turma de Jo Bsr, em Tupi

5/7/84 decide ir embora para Minas Gerais; acaba não indo

23/9/84 colocando manilhas, turma de Jo Bsr, em Tupi

29/2/85 trabalhando na 'fabriquinha' de tijolos, convênio entre Associação de Favelados e A.C.T.A. (Unimep)

Obs: Durante o período de abril 1983 a maio 1985 fiz registros em cadernos de campo em pesquisa na favela do Jardim das Flores para um total de 246 dias. Nesse tempo, 70 registros foram feitos em outros locais. Ao todo, foram 316 registros. As informações sobre mudanças de emprego de Mr Z foram colhidas quando oferecidas apenas nos 246 dias em que estive presente no Jardim das Flores. Não houve um esforço sistemático no sentido de colher esses dados específicos."

As imagens de "vagabundo" e "caçador de emprego" sobrepõem-se um ao outro.

"Fi: 'Pobre é que nem charuto em boca de bêbado. Quando pensa que vai forgar, aí que aperta!'

Fi fazia um 'bico' naquele sábado à tarde" (11/6/83).

Para quem se acostuma com imagens naturalizadas de "pobres" bebendo pinga em bares e canaviais, Fi provoca uma espécie de inversão: é o "pobre" que está como um *charuto em boca de bêbado*. Nessa espécie de teatro brechtiano do Jardim das Flores, suscita-se algo como uma dialética da embriaguez. Ilumina-se um cotidiano embriagado. Não há nada surpreendente no espantoso. Na experiência dos caçadores de emprego que caíram no "buraco dos capetas", "boca de bêbado" vira alegoria do mercado.

## CATAR

Havia outra atividade altamente valorizada no campo, associada à caça e igualmente lúdica: a "cata", "apanha", ou coleta. O "bóia-fria" também catava produtos da roça, em meio aos canaviais, quando possível. Da roça traziam laranjas, bananas, mamões, mandioca, lenha, bambu e uma variedade de plantas.

"Na roça, cortando cana, Ic apanha 'sirraia' para levar pra casa. Ele reparte o seu tesouro com Bc, Ns, e Til. Outro colega encontra inhame. 'É a crise. Vou pedir auxílio do FMI'" (4/8/83).

"Vou buscar água 'na capoeira'. Ns apanha alguns mamões. Z Crls encontra laranja lima" (16/8/83).

"Há um clima de revolta na turma. 'Cadê a cana boa que o italiano tinha prometido?!' 'Tá pensando que a gente é palhaço?!' Alguns decidem tomar banho na mina (vou junto). Pagé e Mltn encontram cachos de banana verde. Tl, Bd, Ns, Gb, e Z Crls acham três mamões" (18/8/83).

“Hora de ir embora. Discussões sobre preço da cana. Ns já apanhou 6 chuchus, 4 limões, e 2 goiabas, além de descobrir o garrafão de pinga do caseiro que está bêbado” (19/8/83).

“Ns abre a porteira na ida. Passa por Tl e diz, ‘pega os mamão do homem’. Tl apanha um saco de mamões. Clh encontra um cacho de bananas. ‘Italiano’ leva lenha” (1/9/83).

“‘Preto’ leva quatro bambus para fazer varas de pescar. Os mamões se acabaram” (2/9/83).

“Sml: ‘Já ganhei meu dia. Achei uma avenca. João, você não quer comprar minha avenca?’” (28/9/83).

A atividade de catar também ganhava feições insólitas. Os moradores do Jardim das Flores catavam os restos da cidade. Os barracos eram feitos geralmente dos resíduos das obras de construção. Empregadas domésticas às vezes catavam as sobras das casas onde trabalhavam. Meninos catavam das ruas. Algumas das imagens mais insólitas eram de crianças que, nos finais de tarde, percorrendo as ruas do comércio, catavam caixas de papelão, os invólucros descartados das mercadorias.

“À noite, andando pela Rua Rangel Pestana, no centro de Piracicaba, vejo dois meninos, que calculo ter entre 8 e 12 anos de idade. Iam numa carroça carregada de papelão. À frente, cabisbaixo, vagarosamente caminhava um cavalo decorado com serpentina e colares dourados. Um dos meninos lançava confetti sobre o cavalo. O outro dizia: ‘Aí, Mugue! Mugue está fazendo aniversário! Quinze anos! Aí, Mugue!’.

Uma mulher, com rugas profundas sobre o rosto, removeu as decorações dos olhos do cavalo, e atravessou a rua. Os meninos, balançando as rédeas, incentivavam o ‘velho Mugue’ que puxava a carroça pelo centro da cidade, arrastando consigo o trilho de papel colorido que os meninos haviam amarrado no seu rabo. A mulher catou algumas caixas

de papelão, descartadas pelas lojas, e colocou-as sobre uma segunda carroça, puxada por outro cavalo. De repente, um barulho. A carroça esbarra num dos carros que por ali estavam estacionados.

Ao meu lado, exasperada, a mulher comenta: ‘Esses meninos... Eu e meu marido damos serviço pra eles. Além de dinheiro, damos comida. Tem uns que nem paga os meninos. Só dão comida ou pinga. Eu e meu marido não damos pinga’.

Subindo na carroça, ela disse, ‘até amanhã’, e foi embora” (1/5/83).

Nos cadernos a imagem de “catar papelão” não apenas fricciona, em forma de montagem, lembranças de coleta de produtos da mata, mas, também, entra em relações tensas com imagens do cotidiano de consumidores urbanos e modernos. Meninos mineiros, paranaenses e nordestinos apanham papelão à noite, depois de fechadas as lojas. Levam caixas vazias, descartadas. Esse é o contato que eles têm com as lojas. Interrompem o trânsito. Das mercadorias, levam apenas seus invólucros, suas cascas.

Um evocativo poema de Baudelaire (1931-32, pp. 249-50) é citado por Walter Benjamin (1985c, p. 103):

“Temos aqui um homem: ele tem de catar pela capital os restos do dia que passou. Tudo o que a grande cidade jogou fora, tudo o que ela perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que ela espezinhou – ele registra e coleciona. Coleta e coleciona os anais da desordem, a Cafarnaum da devassidão; separa e seleciona as coisas, fazendo uma seleção inteligente; procede como um avarento em relação a um tesouro, aferrando-se ao entulho que, nas maxilas da deusa da indústria, assumirá a forma de objetos úteis ou agradáveis”.

Willi Bolle (1994, p. 381) comenta:

“Através de uma montagem em forma de choque, nasce uma imagem dialética. O colecionador burguês, através dos tesouros que acumula, providencia para si uma visão de conjunto do universo; o colecionador

de trapos e farrapos, lixo e entulho (*Lumpensammler*) providencia, a partir desses resíduos, uma imagem do camarote a partir do qual se contempla o mundo”.

## FESTEJAR

Há ainda outra atividade camponesa que floresce – como as *Flores do Mal* de Baudelaire – no “buraco” onde moram esses “novos anjos mineiros”: a festa, particularmente o forró e, acima de tudo, a Festa de São João. As festas no Jardim das Flores, entre as redes de vizinhança de Anaój e Mr Z, também evocavam imagens de Minas Gerais.

Excepcionalmente havia forró no centro comunitário.

“Anaój: ‘Sábado eu vou pro barracão! Vou! Já falei pro Z, eu vou pro barracão! Eu ficar nesse buraco dos infernos onde só se ouve de briga, tiro e morte?! Tem que sair. Sábado eu não fico aqui não. Vou lembrar meus tempos de moça!’” (28/11/83).

Geralmente, porém, os centros comunitários, ou “barracões”, promoviam *shows* de *break* ou *rock*. Quando iam aos “barracões” para dançar forró, universitários às vezes se deparavam com a “cultura popular” na contramão.

“Num forró no barracão da favela Nossa Senhora Aparecida, rapazes negros dão ‘show’ de ‘rock’ e ‘break’ em frente aos ‘brancos’ universitários que lá haviam ido dançar ‘forró’. Uma estudante aprende movimentos ‘break’ com os rapazes da favela (18/2/84).

Lembranças de festas em Minas podiam evocar sentimentos ambíguos:

“Lrds: ‘Em Minas, meu pai não deixava eu ir em festa’.

Eu: ‘Por quê?’.

Lrds: ‘Ruindade. Mas eu ia assim mesmo. Ia com Antn, meu irmão. Às vezes eu chegava

da festa e meu pai não deixava eu dormir. Ia direto pra roça trabalhar’.

Eu: ‘E as festas em Minas são diferentes das festas daqui?’.

Lrds: ‘É a mesma coisa. A única coisa de lá que não tem aqui é essa festa de quatro dias, a festa de Santana (N. S. Santana), todo mundo dorme junto. Faz que nem um barracão, só que é de folha’.

Eu: ‘Dorme aonde?’.

Lrds: ‘No chão. Tem uns que dormem em rede, outros trazem cama’.

Eu: ‘E pra comer, como faz?’.

Lrds: ‘Traz comida. É galinha, leitoa. Tem uns que criam galinha o ano inteiro só pra comer nessa festa. Você acha? Mata duas, três galinhas de uma vez. Chega a vomitar de tanto comer’” (20/6/84).



“É a mesma coisa”. Lrds dissipava imagens esboçadas na pergunta do pesquisador. Sinalizava as restrições de um “pequeno mundo” patriarcal. Paradoxalmente, dizendo que as festas em Minas eram “a mesma coisa”, ela preparava o terreno para apontar diferenças. Possibilitava o estranhamento em relação a uma experiência que, embora distante, era-lhe demasiado familiar. “Você acha? Mata duas, três galinhas de uma vez. Chega a vomitar de tanto comer.” Numa única resposta Lrds provoca estranhamento ao mesmo tempo em que evita que suas lembranças sejam transfiguradas em algo exótico.

A imagem de Minas às vezes irrompia. Isso aconteceu numa festa de aniversário de Mn Prt, sobrinho de Anaoj. Sendo época de carnaval, de vez em quando alguém colocava um disco das escolas de samba do Rio de Janeiro. Os mineiros, porém, pareciam preferir *break*, *rock* e *forró*.

“Ficamos até às 7h da manhã dançando. Lrnh colocava discos, dizendo aos que queriam ir embora, ‘é a saideira!’”. Mn Bj falou: ‘Vocês estão pensando que nós está em Minas Gerais?!’. Anaoj já havia me falado que as festas em Minas duram a noite toda, até o dia raiar” (16/2/85).

As maiores festas no “buraco” do Jardim das Flores, conforme registros nos cadernos, eram de São João. “Aproxima-se o dia de São João. Anaoj comenta: ‘Vai ser dia de todo mundo ficar doido de novo nessa favela!’” (15/5/84).

Em meados de junho aparecem as primeiras fogueiras nos terreiros dos barracos.

“Wlsnh faz uma fogueira, catando gravetos e restos de madeira e papel. [...] Ao redor da fogueira, vizinhos conversam. Lembram-se das coisas de Minas. Mr Z fala de quando ia buscar mel na mata. Mn Cvl recorda-se de como a Lrds era bonita. Na contramão das conversas dos mineiros, arrepiando lembranças, Pagé fala das origens do “Risca-

Faca’, e toma nota do movimento de viaturas da polícia nas imediações” (16/6/83).

O grande dia cai em 23 de junho.

“Festa de São João. Conteí nove fogueiras naquela noite, na favela. Anaoj, Aprcd, Chqnh, Mr Chc, e Z Mineiro, entre outros, fazem fogueiras. A maior é a do Mr Chc. No barraco de Z Mineiro, tem baile e desafio de violeiros. Formam-se duas duplas. Brs e Alfrd se defrontam com Fi e Aprcd. A festa se anima. Z Mr tira a sanfona e começa a tocar” (23/6/83).

Cenas de vizinhos se agachando e aconchegando ao redor de fogueiras de papel, gravetos e restos de madeira, catados por meninos nos arredores da favela, possivelmente evocam imagens de uma festa mineira no exílio. Isso, embora o sertão de Minas também suscitasse imagens de coisas ruínas: destroços. Em todo caso, sinalizava-se uma queda, ou decadência: os “novos anjos” mineiros haviam caído numa grota. No Jardim das Flores, não havia “galinha, leitoa...”. Ninguém criava “galinha o ano inteiro só pra comer” numa festa. Ninguém matava “duas, três galinhas de uma vez”. E ninguém chegava a “vomitar de tanto comer”. Mas vomitava-se de tanto beber.

Num dos trechos dos cadernos – quase como uma nota de rodapé, ou *postscriptum*, às margens da festa de São João – uma festa mineira irrompe de forma eletrizante:

“Mr Z: ‘O dia de São João derrubou muito peão’.

Anaoj lembra-se das festas em Minas. Ela coloca um disco na ‘sonata’.

Dln: ‘Ah, João, isso você tinha que ver. A mineirada quando está a fim de um forró...! Anaoj, manda buscar uma pinga no bar!’.

Anaoj: ‘Eu não tenho dinheiro’.

A conversa continua. Dln fala sobre Minas. Depois de alguns instantes, vou ao bar buscar uma garrafa de ‘Caninha da Roça’ [...]. Ao chegar, Dln está dançando com Ic.

Ic: ‘Vem, preta!’.

Dln: ‘Ele é preto e meu apelido é preta. Vamos ver se você sabe dançar! Tição de

sicupira! Rá!’.

Dln segura um copo de pinga. Ic faz a Dln girar. Quase caem. Mr Z, enrolando um cigarro de palha, dá um passo para trás.

Anaoj solta uma gargalhada: ‘Mulher foga!’.

Dln: ‘Rá! Encaro qualquer capeta! Já enterrei dois e estou esperando o terceiro! Já enterrei dois! Não é que eu matei eles. É eles que não me agüentaram!’.

Ic faz Dln rodar de novo. Perdem o equilíbrio.

Colocando um cigarro ‘Belmont’ na boca, Dln grita: ‘Sai da frente!’.

A música acelera-se. O rapaz e a viúva, Ic e Dln, agarram-se pelas mãos, intercalando os dedos. Frente a frente, entregam-se à dança, mantendo, quando podem, a distância respeitosa entre os corpos por um fio. Desestabilizam-se um ao outro ao mesmo tempo em que lutam por manter equilíbrios frágeis e provisórios. Esfregam-se. A dança vira refrega. Seguram-se como podem em meio ao ritmo alucinante.

Subitamente, o par se desmancha. Ic dança com Wlsn (seu irmão de doze anos), e Dln com Anaoj.



Anaoj comenta: ‘Vamos ver se ela sabe’.

Dln: ‘Vem, preta. Não pisa no meu pé!’.

Anaoj: ‘Vamos ver se ela não se perde na hora de trocar de braço’.

Dln dança de novo com Ic. Depois, Anaoj também dança com o seu filho. Dln sai do barraco.

Na soleira da porta, falando de seu parceiro de dança, ela sussurra: ‘Coitado...’.

E diz: ‘Isso é uma brincadeira, João’.

Mas, logo se reanima: ‘Dá pra ter uma idéia de como a mineirada é capaz de dançar?’.

Dln volta ao interior do barraco e enche o seu copo de pinga.

Ela provoca: ‘Ô, Anaoj. Dançar mãe com filho é pecado, Anaoj’.

Ic gagueja: ‘Pe... pecado... é mulher tomar pin... ga desse jeito!’.

Dln e Anaoj dançam. Mr Z observa, fumando o cigarro de palha.

Ic sai do barraco.

Ao meu lado, olhando para Dln, ele diz: ‘Coitada’” (2/7/83).

De fato, a situação de Dln – uma viúva de uns 50 anos de idade – não era das mais cômodas. Devido às tensões entre ela e a mulher de seu irmão, Dln corria riscos de ver-se em breve alijada de suas redes de proteção. Ic, por sua vez, sentia pressões cada vez maiores para sair de casa e “cair no mundo”.

“Na próxima dança, Ic e Dln voltam a formar um par. Ao ritmo, agora, de uma música lenta, os corpos unem-se, abraçados. Os dedos de Dln brincam com os cabelos de Ic. Ela dança de olhos fechados. Quando a música acaba, Ic prepara-se para ir embora.

Dln: ‘Vai correr?!’.

Ic fica para mais uma dança, depois vai” (2/7/83).

Por que a imagem de uma festa mineira irromperia com tanta força na coreografia embriagada de Ic e Dln – na dança de uma viúva que, prestes a ficar sem o apoio do irmão, via-se nos braços do mais enjeitado dos filhos de Anaoj? Nas brechas provocadas pelos movimentos coreografados dessas duas pessoas, em meio às tensões de um

deslocamento vulcânico, nas relações entre uma viúva “sem homem” e um rapaz “sem mulher”, ambos se agarrando nas fímbrias de suas redes familiares – lembranças de um “forró mineiro” irrompem com força subterrânea. De onde vinha essa força? A dança serviria, conforme as premissas de Turner (1974), para produzir sentimentos de empatia entre personagens que ocupavam posições distintas num circuito social? Ou, ensaiando-se uma outra premissa, tal como a que poderia sugerir-se a partir do clarão de um curto-circuito, ela iluminava estilhaços, cacos e elipses?

Coreografias inebriantes no palco do teatro dramático, tais como encontramos nas obras de Victor Turner (1974) e Clifford Geertz (1991), produzem efeitos, poder-se-ia dizer, de uma “iluminação sagrada”. Assim como o carnaval brasileiro, de acordo com Roberto DaMatta (1978), revela como, apesar das diferenças, “somos todos brasileiros”, um forró mineiro pode produzir uma imagem de espelho para os moradores de certas redes do Jardim das Flores: “somos todos mineiros”.

Aqui, porém, no forró de um rapaz e de uma “velha viúva” no barraco de Anaoj, vêm à luz os fragmentos, pedaços e restos descartados – ou mais ameaçados – das teias sociais. Na dança embriagada de Ic e Dln, iluminam-se, num lampejo, os estilhaços; juntam-se as sobras em relação amorosa. Trata-se do efeito de uma bricolagem fulgurante, mas fugaz. Mais do que a coerência de uma tradição, articula-se nesse prenúncio ou *postscriptum* de festa as esperanças que se apresentam nos cacos. As promessas de um “forró mineiro” aqui brilham com luz mais intensa.

Havia ainda um outro gênero de festa que irrompia em meio aos mineiros do Jardim das Flores. Em canaviais e carrocerias de caminhões, um clima de esgotamento físico interpenetrava-se ao de uma festa carnavalizante. As tábuas de carrocerias transformavam-se em palcos, e os trajés de “bóias-frias” viravam máscaras e fantasias (cf. Dawsey, 1999 e 2005). “Esse aqui é o sheik das Arábias!”, “Árabe da Opep!”, “São João!”, “Giuliano Gema!”, “Bandi-

do!”, “Jesus!”, “Lampião!”, “Maria Bonita!”, “Apache!”, “Cacique!”, “Cowboy!”, “Peão!”, “Prefeito!”, “Presidente!”, “Mister Pagé!”, “Espantalho!”, “Assombração!”, “Ê boi!”, “Bóia-fria!”, “Sou *boy!*”.

“O corpo volta moído” (13/7/83).

“O clima era de festa. De uma tampinha de garrafa, que se passava de mão em mão, a turma bebia” (19/8/83).

“Baixando as calças, diante de uma fila de carros e caminhões, Gb irriga a estrada. O gesto faz irromper o riso de uma turma em festa” (19/8/83).

“O que foi?! Aqui não tem bunda mole não! Só tem maluco!” Da carroceria do caminhão um dos ‘bóias-frias’ mostra a sua bunda para um grupo de espectadores atônitos” (19/8/83).

Às vezes, o velho caminhão de turma apresentava-se aos próprios “bóias-frias” como uma alegoria da “loucura”. A respeito da Nau dos Loucos, que fez seu aparecimento na paisagem da Renascença, Foucault (1978, p. 12) escreve:

“Fechado no navio, de onde não se escapa, o louco é entregue ao rio de mil braços, ao mar de mil caminhos, a essa grande incerteza exterior a tudo. É um prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas: solidamente acorrentado à infinita encruzilhada. É o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem”.

O “bóia-fria” também era entregue a um “rio de mil braços”, a um “mar de mil caminhos”, e “a essa grande incerteza exterior a tudo”: o mercado.

## GROTAS

Barrocas e mineiras como Guimarães Rosa (1988), as personagens dos cadernos de campo apresentam as suas histórias através de imagens da história natural (cf.

3 Ou “cu dos infernos”, como Anaój também dizia.

4 As imagens de grotas mineiras, nesse caso do Vale do Jequitinhonha, suscitadas por Margarida Maria Moura (1988, p. 3), são sugestivas: “Simultaneamente, empresas de grande porte, nacionais e multinacionais, exploram nas chapadas a madeira nativa, que substituem gradativamente por plantações de eucaliptos. São essas empresas as principais responsáveis pela expropriação do campesinato que mora nas grotas e que depende, de modo vital, da chapada para complementar sua reprodução econômica e social” [grifos meus]. Em relação às grotas de Minas Gerais, a autora também evoca esperanças do passado de “pobres livres” saídos do regime de escravidão: “Uma parcela da população empobrecida retornou gradualmente à vida camponesa nas fazendas. Os grandes proprietários que tinham escravos prosseguem suas atividades, dedicando-se às lavouras e criação. Os pobres livres se espraiam em posses no íngreme território das grotas limitantes ou não com as chapadas [grifos meus] ou pedem morada [grifo da autora] no interior das fazendas. Gestaram-se assim, no cenário decadente da mineração, o *situante*, livre, e o *agregado*, dependente” [grifos da autora] (Moura, 1988, p. 17).

Bolle, 1994, pp. 399-400). Levadas por uma tempestade chamada “progresso”, alojam-se nos fundos e encostas de uma fenda na terra, uma pequena cratera, uma “grotá” na periferia de uma cidade do interior paulista. A experiência dos mineiros que “caíram” no “buraco” do Jardim das Flores tem a sua especificidade. Mas ali também irrompem imagens de outras grotas e fundos – as de Minas Gerais. Nesses momentos, como uma alegoria incerta e arbitrária, o significado do “buraco dos capetas”<sup>3</sup> oscilava, até mesmo se invertia.

“Perguntei à Anaój sobre ‘Deus’ e o ‘capeta’. Anaój: ‘Você quer saber de uma coisa, João? Uns falam que o capeta é da cor preta, não é? ‘Preta da cor do capeta...’

é o que dizem. Mas o capeta não é preto. E Deus também não é branco. Sabe como que eu acho que Deus é? Ele é um velhinho da cor de canela. Ele anda meio curvado e está sempre caminhando daqui pra-co-lá. Ele não mora numa casa, mas veve numa grotá em algum lugar na beira do mundo” (17/5/85).

Quando Mr Z colocava o seu chapéu de couro de veado mateiro (“é ligeiro, um cisco”), da terra e da mata onde nasceu, tal como fez no dia em que “caiu na cana”, e como fazia todo dia ao sair para trabalhar, imagens do passado iluminavam a grotá que uma tempestade chamada “progresso” abriu, em meio à qual Mr Z e sua família moravam – “na beira do mundo”<sup>4</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres*. Org. e notas de Yves-Gérard Le Dantec. V. I. Paris, Bibliothèque de la Pléiade, 1931-32.
- BENJAMIN, Walter. “O Surrealismo: o Último Instantâneo da Inteligentsia Européia”, in *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985a, pp. 21-35.
- \_\_\_\_\_. “Sobre o Conceito de História”, in *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1985b, pp. 222-32.
- \_\_\_\_\_. “A Paris do Segundo Império em Baudelaire”, in Flávio Kothe (org.). *Walter Benjamin*. São Paulo, Ática, 1985c, pp. 44-122.
- BOLLE, Willi. *A Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História de Walter Benjamin*. São Paulo, Edusp, 1994.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- DAWSEY, John Cowart. “Caindo na Cana com Marilyn Monroe: Tempo, Espaço, e Bóias-Frias”, in *Revista de Antropologia*, 40 (1), 1997, pp. 183-226.
- \_\_\_\_\_. *De Que Riem os “Bóias-Frias”? Walter Benjamin e o Teatro Épico de Brecht em Carrocerias de Caminhões*. Tese de livre-docência. São Paulo, PPGAS/FFLCH-USP, 1999.
- \_\_\_\_\_. “O Teatro dos ‘Bóias-frias’: Repensando a Antropologia da Performance”, in *Horizontes Antropológicos*, 24, 2005, pp. 15-34.
- FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- GARCIA JR., Afrânio. *Terra de Trabalho: Trabalho Familiar de Pequenos Produtores*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- GEERTZ, Clifford. *Negara: o Estado Teatro no Século XIX*. Lisboa, Difel, 1991.
- HEREDIA, Beatriz. *A Morada da Vida*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- MARTINS, José de Souza. “Terra de Negócio e Terra de Trabalho”, in José de Souza Martins. *Expropriação e Violência: a Questão Política no Campo*. São Paulo, Hucitec, 1991, pp. 43-60.
- MOURA, Margarida M. *Os Deserdados da Terra: a Lógica Costumeira e Judicial dos Processos de Expulsão e Invasão da Terra no Sertão de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Bertrand, 1988.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
- TURNER, Victor. *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.